



série 
FLORESTAS

SARA DA SILVA SULIMAN
LIVIA L. SILVA FORTE MAIA
MILTON PEREIRA LIMA
DAVID A. RAMÍREZ PALACIOS
ORGANIZADORES

CARTAS A CLIO:

EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA



SARA DA SILVA SULIMAN
LIVIA L. SILVA FORTE MAIA
MILTON PEREIRA LIMA
DAVID A. RAMÍREZ PALACIOS
(Organizadores)

CARTAS A CLIO:

EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA



2022

Copyright © 2022 Os organizadores
1ª Edição

Direção editorial: José Roberto Marinho

Primeira Comissão de Revisão:

Darlan Rodrigo Sbrana
Elias Abner Coelho Ferreira
Felipe William dos Santos Silva
Leonardo Castro Novo

Revisão: Paula Santos

Capa: Fabrício Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cartas a Clio: experiências de pesquisa de pós-graduação em história social da Amazônia /
organização Sara da Silva Suliman...[et al.]. - 1. ed. - São Paulo: Livraria da Física, 2022. -
(Florestas: 1)

Outros organizadores: Livia L. Silva Forte Maia, Milton Pereira Lima, David A. Ramírez Palacios.
Bibliografia.
ISBN 978-65-5563-218-7

1. Amazônia 2. Amazônia - História 3. Amazonia - História social I. Suliman, Sara da Silva. II.
Maia, Livia L. Silva Forte. III. Lima, Milton Pereira. IV. Palacios, David A. Ramírez.

22 114070

CDD-981.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Amazônia: História 981.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.
Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



Editora Livraria da Física
www.livrariadafisica.com.br

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Criado em 2004, o Programa de Pós-Graduação em História Social (PPHIST), vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Pará (UFPA), tem construído estudos sobre a Amazônia invariavelmente alinhados às tendências historiográficas nacionais e internacionais. Com um diversificado perfil do corpo docente, que também se observa nas linhas de investigação, o programa tem se tornado um espaço importante de contribuição e renovação historiográfica com produção significativa em que se inserem Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, relevantes nas suas temáticas e na articulação que estabelecem com os novos enfoques historiográficos.

A percepção mais ampla da Amazônia de florestas e cortadas por muitos cursos d'água que tornam à terra úmida e colabora na sua fertilização, mas que também permitem os deslocamentos e comunicações, exige um exercício de investigação e uma perspectiva de análise que valorize as experiências vividas nesta vasta região e as múltiplas conexões, fluxos e compulsões internas e externas, historicamente construídas. O caleidoscópio movimento das populações e a forças das instituições deram lugar a projeções de dramas e experiências sociais diversas e de complexidade em relevo, o que tem imprimido ao programa um caráter inovador e renovador, com novas, instigantes e necessárias abordagens.

Os livros que aqui apresentamos, neste ano de 2021, em que o programa completou 10 anos de criação do doutorado e 17 anos de existência, fazem parte da *Coleção Floresta*, vinculada ao IFCH, e são resultados dos trabalhos de professores e egressos do PPHIST. Revelam um promissor momento da pesquisa histórica na Amazônia abordando temas e temporalidades variadas que oferecem, como observaremos, novos aportes e novas interpretações sobre a Amazônia.

Um dos iniciais objetivos comuns destes livros, é o de mostrar as variedade e complexidades do espaço amazônico, seu passado histórico e os fatores condicionantes que se tem mantido vigente em sua atualidade, assim como as relações produzidas com a introdução de novos enfoques de estudos. Assim, se foi perfilado um espectro de temas relacionados com questões espaciais,

identitárias e de poder. Experiências comuns, valores partilhados e sentimentos de pertencimentos foram observados em ambientes condicionantes por relações de poder e medidos por espaços forjados na luta e dentro das práticas que o configuram e o reproduz. A Amazônia se revela nestes estudos como espaço modelar em que os agentes que o operam socialmente, constroem percepções, representações e estratégias de intervenção em diferentes temporalidades.

Tais trabalhos de pesquisa, sem dúvida, constituem contribuições originais e, sobretudo, desnaturalizadoras como se propõem ser os estudos que assumem, como coerência e autenticidade, a relação com o passado e demandas presente, tendo como eixo central de diálogo, a história social em contexto amazônico e suas conexões. Os trabalhos reunidos propiciam aos leitores, ademais, um profícuo exercício de crítica historiográfica, métodos e análises documentais. Como apontado, percorrem searas das mais diversas, adensando as riquezas de suas contribuições, quanto à análise de estratégias para enfrentar variadas formas de controle, pensar as ações de domesticação e dominações estabelecidas por agentes e agências oficiais, assim como revelar práticas de resistências, lutas e enfrentamentos.

Os textos expressam, simultaneamente, pesquisas em andamento e outras já concluídas. Temáticas, temporalidades e enfoques plurais que apenas um programa consolidado poderia construir. Diante de tantas e inovadoras contribuições, a intenção é que o leitor estabeleça um exercício de escolha mais consentâneo a seus interesses e afinidades, estando certo de que encontrará nestas coletâneas um conjunto de leituras, instigantes, necessárias e provocativas.

Aproveitamos para registrar os nossos cumprimentos e agradecimentos a CAPES pelo apoio financeiro para publicação, o que expressa o compromisso com o desenvolvimento da pesquisa e a formação superior no Brasil e na Amazônia. Estendemos os cumprimentos ao Programa de Pós-Graduação em História Social, ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e a Universidade Federal do Pará pelo apoio institucional e envolvimento dos seus professores e técnicos na construção destas importantes obras bibliográficas.

Um bom exercício de leitura é o que inicialmente desejamos.

Fernando Arthur de Freitas Neves
Diretor do IFCH

Francivaldo Alves Nunes
Coordenador do PPHIST

*"Se uma parte de mim acha que pode colonizar outros planetas, significa que ainda não aprenderei nada com a experiência aqui na terra" (Trecho do livro *A vida não é utópica*, escrito pelo intelectual indígena Ailton Krenak, em 2020).*

*"Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro" (Wakya Un Manee, indígena norte-americano também conhecido como Vernon Foster. Trecho de *A vida não é utópica*, de Krenak (2020, p. 13).*

SUMÁRIO

Apresentação 11

Introdução 15

Primeira parte – História Indígena e do Indigenismo na Amazônia

1. Mortos, antepassados e fantasmas: comentários a respeito da cristianização de territórios da Amazônia tupi 23

Darlan Rodrigo Sbrana

2. Sobre a mão de obra indígena e a fabricação de embarcações na Amazônia colonial portuguesa 33

Elias Abner Coelho Ferreira

3. Diálogos entre mulheres, tempos e lugares: Michelle Perrot e as Indígenas Mulheres na Amazônia Colonial Setecentista 41

Lívia Lariça Silva Forte Maia

4. Os caminhos da pesquisa sobre agentes locais, circulação e redes de conhecimento na Amazônia 51

Matheus Camilo Coelho

5. Pesquisa sobre História Indígena no lugar Amazônico 61

Milton Pereira Lima

6. Em diálogo com Marta Amoroso sobre o “espectro da morte” nas missões religiosas oitocentistas 67

Sara da Silva Suliman

Segunda parte – Escravidão Negra e Abolicionismo na Amazônia

7. Caminhos da pesquisa sobre crianças e menores na Amazônia do século XIX: uma carta para Colin Heywood 77

Victor Hugo Modesto

8. "Por possuir a precisa aptidão, dou a liberdade": Os Contratos de Trabalho em Igarapé-Miri, Abaetetuba e Mojú (Grão-Pará, 1881-1888).....83

Sônia Viana do Nascimento

9. Chovem possibilidades nos campos de Joanes (Marajó/Pará)93

Rafssa Cristina Ferreira Costa

10. Notas de pesquisa sobre o processo de alforria escrava na cidade de Belém99

Viviane Patrícia Fitz Gerald Frazão

Terceira parte – Territórios e Territorialidades

11. Conflitos éticos e territoriais em comunidades indígenas do baixo Tapajós.....111

Bruna Maytapu Josefa de Oliveira Vaz

12. O Diretório na Capitania do Maranhão: meandros da construção da pesquisa117

Felipe William dos Santos Silva

13. Diálogos sobre revoltas militares – século XVIII125

Leonardo Augusto Ramos Silva

14. "Quando a aldeia se torna vila": notas e notícias de pesquisa133

Marcela Gomes Fonseca

Quarta parte – História, Ensino, Educação e Cultura na Amazônia

15. Informações do meio do mundo a um *metropolitano*141

Andreia Martel Torres

16. Carta sobre intelectuais, memória histórica e futebol.....147

Leonardo Castro Novo

17. Algumas inquietações sobre a História do Brasil narrada pelos livros didáticos brasileiros155

Taissa Cordeiro Bichara

APRESENTAÇÃO

O presente livro é o resultado, inesperado e um pouco heterodoxo, do Seminário de pesquisa da linha "Etnicidade e Territorialidades: usos e representações" do Programa de Pós-graduação (PPHIST) em História, da Universidade Federal do Pará (UFPA), ministrado por mim como parte da minha estância pós-doutoral em dito programa, entre novembro de 2021 e março de 2022, anos de pandemia. "Ministrado" é um jeito de dizer, pois a natureza e dinâmica do seminário — a palavra bem de "semente" — é justamente a de os estudantes falarem, apresentarem, exporem e se exporem — com tudo e com os seus receios normais: "O que vão pensar meus companheiros?", sejamos sinceros, conta, pesa.

Eu, apesar de levar meia vida no Brasil, continuo sendo estrangeiro — até escutei em sala de aula aquela frase "não sei como será na Colômbia, mas no Brasil...". E, também, o Pará não é São Paulo: para muitas coisas, é até outro país. Aliás, formado em História, passei as pós-graduações todas na Geografia: dupla, triplamente estrangeiro então, "repatriado" entre historiadores.

No PPHIST, já tinha tido a oportunidade de participar de mais de um processo seletivo de novos alunos, o que implica ler centenas de projetos de pesquisa de cada vez. Certos padrões começam a aparecer e, na disciplina, alguns ficaram mais evidentes. Um deles, que não é exclusivo do PPHIST nem muito menos (de fato me parece que até já é parte cultura acadêmica nas humanidades em geral), é que os projetos de pesquisa costumam partir do final, da conclusão. Parece estranho falar isso — e os estudantes sentiram essa estranheza. Mas, quem quiser provas, basta repassar o resumo dos projetos dos companheiros com esse olhar para perceber que, me atrevo a dizer, a grande maioria já anuncia nele a conclusão da pesquisa.

Por que sucede isto? Por que o evidente desconforto dos alunos ao serem questionados nesse sentido? Como revelado por eles mesmos, trata-se muitas vezes de uma maneira segura de agir na cruel luta pela sobrevivência acadêmica, uma forma de adaptação: o candidato demonstra que tem conhecimento do assunto e que pertence a uma certa linha de pesquisa na qual os "conceitos",

aliás, já se conseguem prontos. Então, por qual razão esses pesquisadores(as) entrariam no terreno incerto e movediço das perguntas, os problemas, as dúvidas e os dilemas, se podemos pisar no chão seguro de uma conclusão validada por uma venerável teoria (paradoxalmente, nesses tempos “decoloniais”, quase sempre de um inglês ou um francês do século XX), ideologia, mestre ou grupo de pesquisa?

“Mas então você já chegou numa conclusão?”, “quais são as tuas perguntas?”, “o que você ainda não entende e quer entender?”, perguntas como essas — sim, a primeira delas provocadora, mas apenas básicas as outras duas —, formuladas frequentemente por mim na sala de aula virtual — e algumas das cartas o testemunham —, chegaram a gerar, às vezes, principalmente no começo, uma atitude defensiva, como perante uma confrontação. Mas, aos poucos, também, uma reflexão.

“O senhor pode ter até razão, mas é isso o que se espera, é isso o que é cobrado”. E é verdade: a prova é que uma pergunta normal nas entrevistas é “O que você quer demonstrar?”, ou até “Qual é a tua tese?”. Teria razão, na minha opinião, o aluno que respondesse: “ainda não sei o que vou demonstrar, e ainda não tenho uma tese. Tenho algumas boas perguntas, que batem na minha cabeça, e tenho algumas hipóteses”. Pois: como pode um estudante elaborar, chegar a uma tese, sem levantar primeiro uma questão ou um grupo de questões informadas? Como pode edificar uma demonstração sem ter realizado a pesquisa? O formato mesmo do projeto deixa a “problemática” em quarto ou quinto lugar, lá escondida, quando deveria ser o primeiro ponto! E mesmo existindo essa seção “Problemática” no formato, não é raro encontrar projetos sem um signo de interrogação só!

Em muitos casos, não apenas nos projetos (onde é até mais compreensível) mas também no seu desenvolvimento, pesa mais o “marco teórico” escolhido do que a análise dos conteúdos dos documentos. Mas é que as teorias se elegem, de entrada, de um leque ou mostruário? No meu entendimento, as teorias se desenvolvem, junto com a pesquisa. Teoria, argumento, conceito, enredo: é a lógica geral que dá sentido aos achados, uma explicação que se desenvolve, não um produto que se adquire na loja de teorias. Não é possível começar com o “marco teórico”, da mesma forma que, parafraseando Latour, um pintor não começa pela moldura.

Claro, ninguém chega virgem a um mestrado ou um doutorado. Todo mundo tem inclinações “teóricas”, inclinações que vão orientar os temas, as perguntas e a abordagem (pois, aliás, não se trata de jogar toda a bagagem fora, nem nada parecido). Agora, a abordagem, o modo de fazer, esse podemos chamar de metodologia, e a metodologia é necessário sim ser escolhida desde o começo. Pode mudar no caminho, mas é uma decisão acerca de como encarar as perguntas levantadas com o material disponível — ou até de qual é o material potencialmente mais produtivo em função de ditas questões. Isso é uma coisa, outra diferente é trabalhar para demonstrar que é correta a teoria do francês tal ou que é possível aplicar o conceito do inglês tal (geralmente o conceito de “experiência” de Thompson, que aliás figura no título da presente coletânea, demonstrando a sua aplicabilidade quase que genérica e universal). “Em teoria”, sabemos que é ao contrário: que as teorias devem se adaptar à evidência e não a evidência à teoria — é até um lugar comum. Mas às vezes achamos que não somos capazes. “Desenvolver conceitos originais é coisa de gênios e de privilegiados tipo Thompson”, chegou a exprimir uma aluna, quem, imediatamente, após uma pausa, duvidou, e voltou atrás: nós podemos também, por que não? Produzir conhecimento original em historiografia decerto não é fácil, mas também não é impossível: se se fazem boas perguntas, me parece, é maior a possibilidade de chegar a teses interessantes.

E ali vem a história das “Cartas a Clio”. Como trabalho final da disciplina, após as apresentações de cada um (acompanhado de seu respectivo orientador, como é costume no PPHIST, costume que, ao começo, achei que podia ser constrangedora para o estudante, mas que acabou demonstrando-se muito enriquecedora), costuma-se pedir ou uma nova — mais uma — versão do projeto, um “sumário comentado” ou até o rascunho de um capítulo. No entanto, com o objetivo de estimular a reflexão por escrito e a escrita criativa, de obrigar os alunos a abrir o coração e exprimirem seus dilemas, dúvidas e temores, decidi propor-lhes a redação de uma carta. Pedi para eles então contarem a sua pesquisa a um “crusó estrangeiro”, também historiador(a), mas, com o fim de forçar a escrita explicativa (e para eu poder aprender mais do Pará e não tanto de Thompson e Chartier ou Certeau), não familiarizado com a história do Brasil e muito menos com a da Amazônia ou a do Pará. O enunciado dizia assim: “Uma carta, de no máximo 4 páginas, dirigida a um *crusó* estrangeiro, também historiador ou historiadora, contando de que se trata a sua pesquisa,

quais tem sido suas dúvidas e dificuldades, e quais seus avanços, principalmente os conseguidos no último semestre”.

Peguei-lhes um pouco de surpresa — e surgiram algumas dúvidas: “Uma carta, como coloca isso no Lattes?” (na verdade, essa dúvida surgiu depois, quando eles mesmos tiveram a ideia de publicá-las: nem tudo na vida é o Lattes meus amigos!); “O *crush* deve ser real ou pode ser fictício?” etc. Veio então a clarificação: “a carta pode ser dirigida a um amigo ou amiga, ou amigo, imaginário ou real, que entende de história, mas que não conhece o Pará”.

O resultado, que o leitor tem nas mãos (ou na tela) e poderá julgar por si mesmo, foi, na minha opinião, muito positivo. Surgiram ideias, hipóteses, perguntas e clarezas que estavam ocultas. Não estou sugerindo que as dissertações de mestrado ou as teses de doutorado devam ser substituídas por cartas a amores imaginários. A ciência funcionou muito tempo a base de cartas, mas não é essa a ideia. A ideia é estimular a criatividade, a originalidade, a experimentação e a sinceridade como uma resposta mais humana à cienciometria e à luta Lattesista pela sobrevivência acadêmica.

As cartas são de todo tipo e dirigidas a todo tipo de destinatário: um amigo que conheceu num evento, uma admirada professora europeia, uma figura totalmente imaginária e, quem sabe, até um *crush* verdadeiro. Elas foram comentadas por mim individualmente no momento de elaborar os conceitos da disciplina. Posteriormente, foram também amavelmente lidas e comentadas por um grupo de orientadores, a quem dirijo um caloroso agradecimento pela revisão, mas também pela sua participação nos encontros da disciplina. No entanto, após os retoques, elas conservam a sua autenticidade e espontaneidade. Entregamos então à “Coleção Floresta” do PPHIST estas “Cartas a Clio” com as quais, acredito, alguns se sentirão identificados.

David Alejandro Ramírez Palacios
Pesquisador PNPd-CAPES – PPHIST-UFGA

INTRODUÇÃO

A publicação *Cartas a Clio: Experiências de Pesquisa de Pós-graduação em História Social da Amazônia* reúne textos que foram escritos em formato de cartas produzidos por estudantes de cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação História Social da Amazônia (PPHIST), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

A proposta manifestou-se a partir de um “experimento historiográfico” que foi parte do requisito avaliativo da disciplina de Linha de Pesquisa II – Etnicidade e Territorialidades: usos e representações, ministrada pelo Prof. Dr. David Alejandro Ramírez Palacios (PPHIST/UFPA), no período de novembro de 2021 a março de 2022. O desafio colocado a nós foi de escrever uma carta fictícia para um(a) interlocutor(a) de pesquisa estrangeiro(a), um(a) *crush* estrangeiro(a), informando a ele(a) o caráter e atual estágio de nossas pesquisas de mestrado e doutorado no PPHIST.

O propósito com esse experimento não previa o envio das cartas aos destinatários(as), esperava-se que nós, futuros mestres(as) e doutores(as), vivenciássemos um exercício reflexivo de natureza metodológica sobre nossas pesquisas. Assim, cada colega escolheu seu(sua) *crush* pesquisador(a) estrangeiro(a) para endereçar sua carta. Outros(as) decidiram enviar sua carta para pesquisadores(as) brasileiros(as) que tinham mais afinidade de pesquisa e os(as) mais criativos(as) deram vida aos seus(suas) interlocutores(as), (re)criando personagens para estabelecer esse diálogo.

As cartas, além de um experimento historiográfico e metodológico, são formas de homenagear e saudar pesquisadores(as) que lemos durante toda a trajetória acadêmica, muitos desses(as) pesquisadores(as) não tivemos e/ou não temos a oportunidade de conhecer e conversar pessoalmente. Através das missivas podemos imaginar como esse diálogo aconteceria!

Sabemos que esse projeto é ousado, difere da escrita acadêmica formal que estamos habituados(as). Afinal de contas, a escrita missivista apresentada nessa publicação remete às esferas da intimidade e da informalidade, pode apresentar diferentes estilos de escrita, finalidades e formas de recepção.

Salientamos esse aspecto da publicação, pois sabemos do estranhamento da academia ao se defrontar com uma coletânea produzida em gênero epistolar, algo que foi alvo de muitas indagações por ser um trabalho que transcende as caixinhas técnicas e modelos acadêmicos cristalizados pela academia, como se fosse alguma heresia histórica ou científica que foge dos padrões estabelecidos pelo academicismo em seu sentido mais amplo e macro categórico.

Mas ora, gostaríamos de indagar aos(as) leitores(as): Não teria sido um dos maiores clássicos da nossa historiografia o livro *A Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, escrito pelo francês Marc Bloch em gênero epistolar enquanto esteve preso por lutar na resistência francesa contra o nazismo? Não teria sido o livro organizado pelo historiador Lucien Febvre a partir de inúmeras cartas que Bloch escreveu ao seu filho explicando "O que é História?".

Não temos a audácia de nós comparar à genialidade de Marc Bloch, até porque ele teria sido um homem muito mais feliz, e talvez genial, cremos, se tivesse conhecido o "país das Amazônias", pois são muitas, diversas e plurais, como demonstramos nesta coletânea. Mas partimos de Bloch para apontar que a escrita das cartas, ainda que ficcional, foi um experimento acadêmico que nos permitiu autorrefletir e, principalmente, problematizar nossas pesquisas.

Saindo do campo da História e nos lançando no campo da Literatura, também podemos dizer que o gênero epistolar é aquele cujas obras são construídas a partir de uma sucessão de cartas trocadas pelos interlocutores em comunicação. Essas epístolas permitem a construção de narrativas e reflexões. Um dos romances epistolares mais famosos é o "Drácula", escrito pelo irlandês Bram Stoker e publicado em 1897.

Portanto, diante de tais exemplares magníficos e exaltados pela roda da fortuna crítica, devemos salientar que em nada esse formato diminui a empreitada que estamos construindo nesta coletânea, pelo contrário, acreditamos que essa ousadia poderá suscitar novas e diferentes publicações acadêmicas no futuro.

Ao lerem as cartas, os(as) leitores(as) perceberão que tratam de textos que, com toque de intimidade, permitem acompanhar diferentes percursos formativos, teóricos, metodológicos e experiências de pesquisa sobre história da Amazônia. Não são textos prontos e acabados, ao contrário, são textos com indagações e problemas em História, que talvez encontrem seus(suas)

interlocutores (as). Também são textos que podem ser trabalhados em sala de aula, na graduação em História ou em outras áreas, em disciplinas introdutórias à pesquisa em História ou sobre a História da Amazônia, como exemplar da construção de investigação histórica.

A publicação está organizada em quatro partes, considerando os variados temas de pesquisas que tratam as cartas. A primeira parte corresponde a missivas que tratam da *História Indígena e do Indigenismo na Amazônia*, onde os(as) autores(as) demonstram a complexidade étnica, social, cultural, documental e teórica de se trabalhar com uma temática que exige interdisciplinaridade com a Antropologia, Arqueologia, Sociologia e outras áreas de conhecimento visando construir análises que possam romper com o apagamento construído pela historiografia tradicional sobre os povos indígenas e a história do indigenismo na Amazônia.

A segunda parte concentra as cartas que tratam sobre a *Escravidão Negra, o Abolicionismo na Amazônia e suas consequências*. Essas cartas almejam salientar não apenas o silenciamento sobre essa temática em nossa região, mas também desconstruir a tese do "vazio africano", hoje desmistificada por uma importante e respeitada historiografia amazônica. Dessa forma, para além dessa questão, essas missivas demonstram a riqueza de possibilidades que podem ser desenvolvidas em pesquisas que tratem sobre a escravidão, os escravizados de origem africana e o abolicionismo na Amazônia com suas consequências sociais e históricas para os mais diversos grupos, inclusive crianças.

A terceira parte reúne as cartas que apresentam pesquisas em *Territórios e Territorialidades*. Nesse caso, essas missivas transcendem os conceitos de espaço e território como algo que está dado pela natureza, compreendendo que não se tratam de conceitos sinônimos, mas sim de algo dinâmico, social e geograficamente construído pelo homem a partir de interesses estratégicos, de suas trajetórias humanas e de suas intencionalidades sociopolíticas dos agrupamentos humanos, inclusive indígenas e coloniais. Sem desconsiderar, é claro, aquilo que é determinado pela própria natureza, como nossos rios, também chamados de "estradas líquidas" em nosso território.

A quarta parte contempla as cartas que têm por tema de pesquisa a *História, a Educação e a Cultura na Amazônia*, considerados pontos extremamente importantes em nossa formação enquanto historiadores(as), professores(as) e pesquisadores(as). Não podemos negar a notória importância

que os trabalhos sobre história e ensino, assim como sobre cultura amazônica, desempenham em nossa conformação profissional. Consideramos essas pesquisas enriquecedoras para a compreensão do nosso ofício e sua natureza prática em sala de aula, analisando as ferramentas pedagógicas que temos disponíveis, como o livro didático, e outras questões pertinentes ao debate do ensino-aprendizagem. No que diz respeito à cultura na Amazônia, podemos dizer que ela é viva e, portanto, histórica, precisamos refletir mais sobre ela.

Por fim, agradecemos aos nossos estimados orientadores Prof. Dr. José Alves de Souza Junior, Prof. Dr. José Maia Bezerra Neto, Prof. Dr. Karl Heinz Arenz, Prof. Dr. Nelson Rodrigues Sanjad, Prof. Dr. Mauro César Coelho e Prof. Dr. Rafael Chambouleyron por aceitarem compor o Conselho Científico desta publicação, pela generosidade em acompanhar nosso percurso na organização dos textos, com leituras e indicações de correções nas versões finais das cartas. Agradecemos ainda à estimada Profa. Dra. Rosângela da Silva Quintela e ao estimado Prof. Dr. Marcelo Ferreira Lobo por colaborarem conosco através da leitura e parecer das cartas.

Aproveitamos para agradecer também ao Prof. Dr. David Palacios por nos instigar ao longo da disciplina Linha de Pesquisa II e nos provocar, de maneira acadêmica, para produzir essas cartas, que no final das contas nos ajudaram a compreender as diferentes dimensões das nossas pesquisas.

Não podemos deixar de citar em nossos agradecimentos o Prof. Dr. Francivaldo Alves Nunes, coordenador do PPHIST, Prof. Dr. Agenor Sarraf, Vice-Coordenador do PPHIST, ao Prof. Dr. Rafael Chambouleyron (PPHIST), ao Prof. Dr. Antônio Otaviano Viera Júnior (PPHIST) e ao Prof. Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves, diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UFPA), pelo apoio e incentivo com a publicação. Esse agradecimento também se estende à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP/UFPA) e às agências de fomento à pesquisa como a CAPES pelo apoio financeiro para publicação.

Saudamos ainda com um agradecimento especial aos nossos colegas de turma Darlan Sbrana, Elias Abner Ferreira, Felipe William Silva e Leonardo Novo por nos auxiliarem nesse projeto e compor a comissão de revisão de ABNT e ortografia. Assim como gostaríamos de agradecer aos pesquisadores(as)/autores(as) que aceitaram embarcar nesse projeto realizado em tão pouco tempo, mas com tanta dedicação, afincos, responsabilidade e carinho.

As cartas/as pesquisas elaboradas agora nas mãos de leitores(as) podem contribuir para debates e reflexões teóricas e metodológicas sobre problemáticas historiográficas e de campos do saber que dialogam com a história. Foi nessa dinâmica que se originou a ideia de gestar esta publicação em formato de livro evidenciando as cartas como forma de compartilhar as diversas experiências de investigação historiográfica de pesquisadoras e pesquisadores no PPHIST/IFCH/UFPA e, assim, tornar públicos temas, objetos, problemas e metodologias de quem faz pesquisa na Amazônia brasileira. Pois o pesquisador amazônico antes de tudo é um forte! Um bravo e árduo pesquisador(a) que produz com poucos e parcos recursos tentando romper a marginalização à qual foram relegadas as nossas produções diante da hegemonia sulista que se apoderou como um "grande senhor" da narrativa histórica do Brasil.

Livia L. Silva Forte Maia
Turma de Doutorado 2020

Milton Pereira Lima
Turma de Doutorado 2021

Sara da Silva Suliman
Turma de Doutorado 2020

PRIMEIRA PARTE:

**HISTÓRIA INDÍGENA E DO
INDIGENISMO NA AMAZÔNIA**

Mortos, antepassados e fantasmas: comentários a respeito da cristianização de territórios da Amazônia tupi

De: José Coroaá, um historiador com formação nas áreas de antropologia e arqueologia. Desde 2019, quando iniciou o doutorado em história social da Amazônia, tem percorrido o Maranhão e o Pará, visitando comunidades que ocupam antigos territórios tupis. Depois de passar dois anos percorrendo a região do rio Tocantins, no Pará, retornou a São Luís (MA), onde obteve notícias de Rosa Maria, pedindo informações sobre sua pesquisa¹.

Para: Rosa Maria, que é uma historiadora portuguesa especialista em teoria da história. Em 2019, fez uma viagem ao Brasil, interessada em percorrer a Amazônia brasileira. Porém, depois de ter presenciado um fenômeno sem causa concreta, interrompeu abruptamente a viagem, retornando a Portugal. Dois anos depois, ela escreve aos seus companheiros de viagem informando que iniciou uma pesquisa motivada por aquela experiência².



Escrito por: Darlan Rodrigo Sbrana³

Darlan Rodrigo Sbrana é historiador, com bacharelado e mestrado pela Universidade Federal do Maranhão. É doutorando em história social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará. Estuda a história do contato entre cristãos e tupis. Interessa-se por temas da história da Amazônia, história do Maranhão, história colonial e teoria da história. É membro do Gedmma – Grupo de Estudos Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente, da Universidade Federal do Maranhão e Centro Membro Clacso⁴.

- 1 José Coroaá. Fonte da imagem: Publicdomainvectors. Disponível em: <https://publicdomainvectors.org/photos/Teasel.png>. Acesso em: 24 abr. 2022.
- 2 Rosa Maria. Fonte da imagem: Publicdomainvectors. Disponível em: <https://publicdomainvectors.org/photos/1382837148.png>. Acesso em: 24 abr. 2022.
- 3 #pracegover: Na fotografia aparece o autor, um homem branco, usando uma camiseta preta, barba e óculos com armação preta retangular, ao fundo uma estante de livros.
- 4 Darlan Rodrigo Sbrana. Fonte da imagem: Acervo pessoal.

CAPÍTULO I

MORTOS, ANTEPASSADOS E FANTASMAS: COMENTÁRIOS A RESPEITO DA CRISTIANIZAÇÃO DE TERRITÓRIOS DA AMAZÔNIA TUPI

Belém, 25 de Abril de 2022

Querida Rosa,

Minhas desculpas pela demora em mandar notícias, mas o faço com o mesmo entusiasmo que senti quando tive informações de sua nova pesquisa e de sua vinda ao Maranhão marcada para breve. E foi a própria Berta que tão logo soube de meu retorno a São Luís (MA), deu-me conta de seu pedido e já foi me incluindo nos trabalhos técnicos de certificação de comunidades tradicionais da região de Icatu (MA), onde estivemos quando você andou por aqui. E como não lembrar daquela experiência, não é? Ela marcou-nos a todos. Eu fiquei pensando até que aquela viagem que lhe encerrou as férias logo no início também lhe impediria de retornar à região amazônica. Agora vejo que ela despertou em você esse interesse de pesquisar a presença de encantados em territórios de conflito na Amazônia brasileira.

Acontece que desde meu retorno mal tive tempo de respirar, pois começamos a realizar as atividades de campo, daí minha demora em lhe responder – é muito trabalho. Mas também não reclamo, pois enquanto vejo as comunidades garantindo direitos nos territórios a que pertencem, consigo um sustento

Sobre a mão de obra indígena e a fabricação de embarcações na Amazônia colonial portuguesa



De: Elias Abner Coelho Ferreira¹

Graduado e mestre em História, atualmente é doutorando em História Social da Amazônia pela UFPA. Desenvolve pesquisa sobre história indígena na Amazônia colonial, integrando o Grupo de Pesquisa em História Indígena e do Indigenismo na Amazônia – PG HINDIA. É funcionário público no município de Castanhal, PA. Também é escritor, com contos e crônicas publicados em antologias e revistas literárias.

Para: Maria Regina Celestino de Almeida

Mestre e doutora em história, com pós-doutorado pelo Museu Nacional (UFRJ, 2005), na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris, 2006) e no Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC, Madri, 2012), atualmente é professora associada do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Atua na área de História, com ênfase em História Indígena.²

¹ #pracegover: Na fotografia, temos um homem amazônida, de cabelos pretos, olhos castanhos, usando uma camiseta floral, em reflexão com o dedo anelar diante da testa.
E-mail: elias_abner@hotmail.com

² Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/4601567828530023>.

CAPÍTULO 2

SOBRE A MÃO DE OBRA INDÍGENA E A FABRICAÇÃO DE EMBARCAÇÕES NA AMAZÔNIA COLONIAL PORTUGUESA

Cidade de Castanhal, Pará, 03 de março de 2022

Cara professora Maria Regina,

Espero que esta missiva a encontre bem de saúde, tendo em vista os agravos sanitários que estamos passando devido à pandemia da Covid-19. Professora, no ano de 2020 ingressei no curso de doutorado em História no prestigiado Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, da Universidade Federal do Pará, local onde cursei toda a minha formação em História desde a graduação no ano de 2008. O Programa formou e ainda continua a formar muitos colonialistas, por conta disso a sua pesquisa e os seus trabalhos sempre foram grandes referências para nós. E é por conta disso, inclusive, que lhe remeto esta no intuito de falar um pouco sobre a minha própria pesquisa.

O projeto de tese submetido ao programa intitulava-se “A ribeira dos índios: fabricação e usos de embarcações na Amazônia colonial portuguesa (1733-1808)”. Nele, meu objetivo inicial era analisar a construção de embarcações por índios na Amazônia colonial portuguesa, entre os anos de 1733 e 1808. Tendo em vista que o processo colonizador na Amazônia portuguesa, nos anos iniciais do século XVII, contou fundamentalmente com a mão de obra de índios para construir, remar e pilotar as mais diversas embarcações, objetivamos mergulhar no cotidiano dos estaleiros onde eram construídas

Diálogos entre mulheres, tempos e lugares: Michelle Perrot e as Indígenas Mulheres na Amazônia Colonial Setecentista



De: Livia Lariça Silva Forte Maia¹

Trabalha como Professora e Historiadora, se descreve como uma mulher nordestina, brasileira, latino-americana, feminista, de esquerda, militante e cientista que pesquisa História Indígena e do Indigenismo desde 2014, investigando especialmente a Amazônia colonial portuguesa do século XVIII. Vive em Belém/PA, na Amazônia, há 16 anos, onde tem construído sua formação acadêmica. Atualmente é Doutoranda em História social da Amazônia na UFPA. Nos últimos cinco anos tem militado pelos direitos dos pós-graduandos(as) somado seus esforços na mobilização estudantil em defesa da Educação e da Universidade pública, plural e gratuita.

Integra o movimento "Ação pela Ciência" sendo Vice-Presidente da Associação de Pós-graduandos(as) da UFPA (APG-UFPA). Além disso, trabalha como Professora da educação básica. No campo acadêmico, desenvolve a função de secretária do Grupo de Pesquisa HINDIA, exercendo também a representação discente do PPHIST e do IFCH, assim como se orgulha de integrar um Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Amazônia Colonial chamado GEPAC, que foi fundado por mulheres colonialistas comprometidas em produzir pesquisas sobre a Amazônia colonial.

Para: Michelle Perrot

Historiadora que nasceu em Paris, em 1928, se especializou no século XIX, sendo uma das primeiras mulheres a se tomar uma historiadora respeitada e pioneira na academia francesa. Também foi uma das poucas historiadoras a fazer parte da geração da Escola Nova Francesa de Estudos Sociais na Europa. O seu artigo "Uma história das mulheres possível?" é precursor dos estudos sobre a história das mulheres no ocidente. Perrot é considerada uma das mais célebres historiadoras da causa feminista, assim como da vertente social da história francesa.

¹ #Pracegover: Na foto aparece uma mulher branca, de olhos verdes, cabelos ruivos e longa, vestida de verde, usando óculos com armação preta. Ao fundo uma parede vermelha.

DIÁLOGOS ENTRE MULHERES, TEMPOS E LUGARES: MICHELLE PERROT E AS INDÍGENAS MULHERES NA AMAZÔNIA COLONIAL SETECENTISTA

Belém, 04 de abril de 2022

Prezada Michelle Perrot,
Espero encontrá-la bem!

Gostaria, antes de tudo, salientar que é sempre um prazer e um grande aprendizado conversar com a senhora, estimada professora. Desculpe-se ando ausente ultimamente e se demorei a responder a última missiva que a senhora me enviou em dezembro passado. Estou bastante atarefada com as disciplinas do doutorado, lembra que comentei que estava cursando uma disciplina de Linha de Pesquisa II, com um professor convidado e pesquisador do programa PPHIST, que veio da Colômbia, chamado David Palacios? Além disso, as pesquisas sobre as fontes, as leituras bibliográficas, além da militância e outras responsabilidades profissionais têm ocupado os meus dias. Acredito que a senhora esteja ainda mais ocupada, por isso agradeço as sugestões de leitura que me indicou e já aproveito para agradecer o envio da última edição da cópia física em português do seu livro *Minha história das mulheres*, que já

Os caminhos da pesquisa sobre agentes locais, circulação e redes de conhecimento na Amazônia



De: Matheus Camilo Coelho¹

Professor e historiador da Amazônia. Atualmente doutorando em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CNPq). Atua como pesquisador voltado a temas de História e ciências na Amazônia, com destaque às seguintes temáticas: viajantes na Amazônia do século XIX, etnográficas e expedições científicas do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Para: Kapil Raj²

Com formação inicial em matemática, Kapil Raj é professor de História da Ciência na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). Publicou extensivamente sobre a história do papel das circulações e interações culturais na construção e transformação do conhecimento e da ciência. As investigações e proposições de Raj contribuem para debates historiográficos sobre eurocentrismo e confinamento nacional e cultural em ciências sociais, bem como permitem demonstrar, numa perspectiva global, a natureza policêntrica do conhecimento. É autor de artigos em revistas científicas e de livros: *Relocating Modern Science: Circulation and the Construction of Knowledge in South Asia, 1650-1900* (2007), *The Brokered World: Go-Betweens and Global Intelligence, 1820* (2009) com Simon Schaffer *et al.* e ainda *Science et Globalisation 1765-1914* com Otto Sibum³.

¹ #pracegover: Na fotografia aparece um rapaz branco, de olhos castanhos, trajando uma camisa polo azul marinho, usando óculos com uma armação quadrada e preta, ao fundo uma parede branca. E-mail: mcamilocoelho1@gmail.com

² E-mail: raj@ehess.fr

³ RAJ, Kapil. Kapil Raj. *L'École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Disponível em: www.ehess.fr/fr/personne/kapil-raj. Acesso em: 28 abr. 2022.

CAPÍTULO 4

OS CAMINHOS DA PESQUISA SOBRE AGENTES LOCAIS, CIRCULAÇÃO E REDES DE CONHECIMENTO NA AMAZÔNIA

Belém do Pará, 9 de abril de 2022

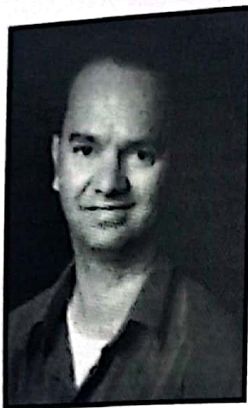
Prezado professor Doutor Kapil Raj,

Certamente o senhor há de estranhar essas linhas que lhe chegam não apenas de um remetente desconhecido, mas sendo ele de uma região do Brasil possivelmente pouco conhecida ou mesmo desconhecida, que é a Amazônia. Esta carta, então, já nasce devendo o pretexto e a apresentação de seu autor.

Sou professor e historiador nascido no estado do Pará, Amazônia. Sou doutorando em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará, sob a orientação do professor Dr. Nelson Sanjad. Desenvolvo pesquisas em História desde a graduação a respeito de expedições científicas, exploradores, coleções etnográficas e colecionadores de museus de História Natural e a produção científica do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

Atualmente, professor, minhas atenções estão voltadas aos estudos sociais da ciência. Sou um entusiasta do seu trabalho e estou iniciando as leituras acerca de sua proposta historiográfica e me inteirando dos debates contemporâneos dessa área de estudos. Essa pesquisa deve bastante aos seus inspiradores trabalhos sobre circulação do conhecimento, redes de conhecimento e

Pesquisa sobre História Indígena no lugar Amazônico



De: Milton Pereira Lima¹

É doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – PPHIST – da Universidade Federal do Pará (UFPA). Título da pesquisa: *Jogando o seu próprio jogo: Protagonismo dos grupos indígenas à catequese dos missionários dominicanos no Araguaia paraense (1881-1952)*. Mestre em Dinâmica Territorial e Sociedade da Amazônia – PDTSA – UNIFESSPA (2019). Atualmente professor de história: SEDUC/PA e SEMEC/Rede de Ensino. É docente dos cursos de farmácia, fisioterapia, enfermagem e odontologia da Faculdades Integradas Caspary/FIC/PA onde ministra as disciplinas: Socioantropologia da Saúde, Antropologia Aplicada à Saúde, Sociologia

Organizacional, Ética, cidadania e Direitos Humanos, Antropologia Jurídica. Possui também obras poética. Tem publicado pesquisas na área da historiografia e da antropologia. É membro fundador da Academia Redencense de Letras e Artes – A.R.L.A. É pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa Territórios Indígenas e Etnoenvolvimento – GPTI do Instituto Federal do Pará, e, História Indígena Híndia. Membro-fundador do Centro de Estudos da Boca da Mata e do Núcleo Zagaia de Convivência, Estudos e Lutas.

Para: Claire Pic

Ex-pesquisadora da Universidade de Toulouse, Haute-Garonne, França. Realizou pesquisa em vários arquivos no Brasil, a saber: Fundação Darcy Ribeiro, arquivos pessoais do antropólogo Darcy Ribeiro e nos Arquivos do Serviço de Pro aos Índios (SPI), Arquivo Público de Uberaba e no Arquivo Diocesano de Conceição do Araguaia (Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia, Conceição do Araguaia, PA, Brasil), assim como na Fundação Cultural da Seção Pará de Obras Raras da Biblioteca Pública Arthur Viana (Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (Centur) e, por último, no Arquivo do Museu Goeldi. Defendeu sua tese de doutoramento em 2014 com o título: *“Les dominicains au Brésil (1881-1952): de la mission à l’apostolat intellectuel”*.

¹ #pracegover: Na fotografia temos um homem amazônida, de olhos castanhos, cabelo preto, trajando uma camiseta social cinza, com um leve sorriso no rosto.

CAPÍTULO 5

PESQUISA SOBRE HISTÓRIA INDÍGENA NO LUGAR AMAZÔNICO

Redenção, PA, Brasil 28 de fevereiro de 2022

Querida Claire,
Espero que esteja bem!

É com enorme satisfação que te escrevo novamente para te atualizar sobre minha pesquisa a respeito das ações catequéticas dos padres dominicanos e seus envolvimento com os indígenas da região do Araguaia. Como você já sabe, eu também estive em Belo Horizonte – Minas Gerais pesquisando no arquivo Bartolomeu de Las Casas da província Dominicana no Brasil, assim como você fez! Foi lá que o arquivista local me informou sobre a tua tese de doutoramento: *“Les dominicains de Toulouse au Brésil (1881-1952): de la mission à l’apostolat intellectuel”*. Naquela ocasião, eu ainda reunia material para minha pesquisa de mestrado, a qual finalizei no ano de 2019, com o título: *“O discurso dos Missionários Dominicanos sobre os Indígenas do Araguaia na revista Cayapós e Carajás”*. Somente após concluir minha pesquisa de mestrado foi que descobri que nós utilizamos a mesma fonte de pesquisa: a Revista *CAYAPÓS E CARAJÁS*, periódico produzido pelos dominicanos. E, claro, meu estudo desenvolveu um problema de pesquisa distinto do seu. Além disso, observei também que você utilizou fontes oriundas do arquivo de Toulouse (Tolosa) – França, possibilidade que eu não tive. Isso me deixou muito curioso, pois acredito que os documentos desse arquivo na França devem ser mais antigos e abrangentes do que os do Brasil, podendo abrir variadas oportunidades de pesquisa para um historiador. De fato, esse

Em diálogo com Marta Amoroso sobre o “espectro da morte” nas missões religiosas oitocentistas



De: Sara da Silva Suliman¹

Professora de História, mestre em História da Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPHIST), da Universidade Federal do Pará e atualmente integra a turma de doutorado do PPHIST. Pesquisa os seguintes temas: plúvulas, genocídio, missões religiosas, capuchinhos, doenças e populações indígenas no Brasil e racismo científico. Integra os grupos de GEPHRIA/UFGA, HINDIA/ UFGA, GEPHRIA/UFGA e o GHCA/ MPEG. Compõe a Associação de Pós-Graduandos (APG-UFGA), da UFGA, e o Núcleo de Combate às Opressões.²

Para: Marta Rosa Amoroso

Professora do Departamento de Antropologia da USP, Pesquisadora e ex-Coordenadora Científica do Centro de Estudos Ameríndios, da Pró-Reitoria de Pesquisa Científica. Realizou Mestrado em Antropologia Social pela UNICAMP (1988, bolsa FAPESP) e doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela USP (1998, bolsa FAPESP). Realizou Pós-Doutorado no Centro de Estudos Brasileiros CEBRAP (2000-2002, FAPESP). Foi vice-diretora do Instituto de Estudos Brasileiros IEB/USP (2003-2005). Tem experiência na área de antropologia, com ênfase em teoria antropológica e etno-história, atuando principalmente nas linhas de pesquisa sobre territorialidades ameríndias, relações interspecíficas na Amazônia e história dos índios na América do Sul. É efetiva da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Associação Paranaense de Antropologia (APA).³

¹ #pracegover: Descrição da fotografia - Estou em minha casa, precisamente em meu quarto, as paredes são de cor azul claro. Sou uma mulher preta não retinta, também lida com o cabelo. Na foto estou sorrindo, meus cabelos são negros, levemente ondulados e curtos, abertos até os ombros. Os cabelos estão partidos para o lado esquerdo. Estou com uma maquiagem leve e um batom vermelho bem destacado. Uso um brinco grande na cor verde e um vestido de flores com bolinhas pretas.

² Para contato e-mail: sarasulimans@gmail.com.

³ Currículo consultado na Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5642150111835642>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CAPÍTULO 6

EM DIÁLOGO COM MARTA AMOROSO SOBRE O “ESPECTRO DA MORTE” NAS MISSÕES RELIGIOSAS OITOCENTISTAS⁴

Marituba – Pará, 28 de fevereiro de 2022

Estimada Professora Marta Amoroso,

Espero encontrá-la bem e com saúde. Escrevo esta carta com muita alegria pela possibilidade de dialogar sobre um tema de pesquisa que temos em comum, as missões religiosas capuchinhas oitocentistas e as epidemias. Há muitos anos leio seus trabalhos e os tenho como referência para minhas pesquisas desde a graduação em História, na Universidade Federal do Pará (UFPA). Estudo as missões capuchinhas na província do Grão-Pará, durante o Segundo Reinado, atentando para as ações indígenas nesses espaços. Ainda recorro quando li seu artigo *Crânios e cachaça: coleções ameríndias e exposições no século XIX* na graduação. Foi inspirador sob o ponto de vista teórico-metodológico para entender alguns meandros da relação entre os indígenas e os missionários capuchinhos, em novo contexto e com “nova” política indigenista.⁵

⁴ Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Nelson Sanjad, pela leitura atenciosa e sugestões de correções. Agradeço aos companheiros Livia Maia e Milton Pereira pela parceria na organização dessa publicação.

⁵ AMOROSO, Marta. *Crânios e cachaça: coleções ameríndias e exposições no século XIX*. *Revista de História*, v. 154, 2006a, p. 119-150.

Caminhos da pesquisa sobre crianças e menores na Amazônia do século XIX: uma carta para Colin Heywood



De: Victor Hugo Modesto¹

Professor e historiador Amazônico, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas da Escravidão e Abolicionismo na Amazônia (GEPEAM). Pesquisa crianças e menores no século XIX, abolicionismo e infância e mulheres pobres. Percepções sobre a maternidade e direitos.

Para: Colin Heywood

Professor emérito da Universidade de Nottingham. O autor inglês já publicou diversas obras no campo da História social e econômica, se tornando uma referência em seu campo de pesquisa, com destaque para *Uma História da Infância: da Idade Média à Era Contemporânea no Ocidente*.

¹ #pracegover: Na fotografia aparece um rapaz negro e amazônida, com cabelos negros e crespos, usando barba e uma camiseta social branca com listras cinzas. Ao fundo uma parede branca. E-mail para contato: victorhugomodesto@gmail.com.

CAPÍTULO 7

CAMINHOS DA PESQUISA SOBRE CRIANÇAS E MENORES NA AMAZÔNIA DO SÉCULO XIX: UMA CARTA PARA COLIN HEYWOOD

Ananindeua, Pará, 10 de abril de 2022.

Prezado professor Colin Heywood,

Meu nome é Victor Hugo Modesto, sou pesquisador vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, em nível de doutoramento. Desejo, através desta carta, situá-lo do estágio atual de minha pesquisa, bem como de meu histórico como pesquisador.

Desenvolvo, há pelo menos seis anos, pesquisa sobre crianças e menores de diferentes condições jurídico-sociais no século XIX. Inicialmente, quando de minha conclusão do curso de Graduação em Licenciatura em História, o foco da monografia foi sobre os “ingênuos”, que foi a denominação pela qual ficaram conhecidos os filhos livres de mulher escrava, de acordo com os regulamentos da Lei do Ventre Livre, legislação promulgada no Império do Brasil em 1871. Nesse trabalho analisei as tutelas dos menores “ingênuos”, que era um dispositivo prescrito nas Ordenações Filipinas, legislação de origem Portuguesa posta em vigor no início do século XVII e estendida aos seus domínios, como foi o caso do Brasil. Nesse código, a tutela emerge como dispositivo jurídico regulado pelos agentes da instituição conhecida como Juízo dos Órfãos, que foi a instituição em que os processos de tutelas foram tramitados.

**Por possuir a precisa aptidão, dou a liberdade:
Os Contratos de Trabalho em Igarapé-Miri,
Abaetetuba e Mojú (Grão-Pará, 1881-1888)**



De: Sônia Vianna do Nascimento¹

Moradora na região nordeste do Estado do Pará, Garrafão do Norte. É Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Federal do Pará (2011). Possui dezesseis anos de experiência em trabalhos junto a Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental do Ensino de História. Tem experiência em trabalhos junto a Coordenação Pedagógica do município em que reside, ministrando palestras e oficinas pedagógicas ofertadas pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED). É Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPGSA) - UFPA. Atualmente, é doutoranda em História Social na Amazônia pelo mesmo Programa e Instituição de Ensino, fazendo parte do Grupo de Estudos e Pesquisas da Escravidão e Abolicionismo na Amazônia (GEPEAA).

Para: Marília Bueno de Araújo Ariza

Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH - USP). Atualmente, dedica-se ao pós-graduação, realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Autora de *O ofício da Liberdade: trabalhadores libertos em São Paulo e Campinas (1830-1888)* e, de diversas outras publicações sobre a história social da escravidão, trabalho, gênero e infância.

Garrafão do Norte/PA, 20 de abril de 2022

¹ #ptacegover Na foto, esta Sônia Nascimento, autora desta carta, possui cabelos longos e claros. Está vestida de preto, blusa de mangas longas e colar até a cintura, maquiagem com batom vermelha, por ocasião da festa de formatura da Graduação de Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA (2019) de sua filha, Sônia Nascimento Nonato.

CAPÍTULO 8

**POR POSSUIR A PRECISA APTIDÃO, DOU A
LIBERDADE: OS CONTRATOS DE TRABALHO
EM IGARAPÉ-MIRI, ABAETETUBA E
MOJÚ (GRÃO-PARÁ, 1881-1888)**

Garrafão do Norte, Pará, 04 de abril de 2022

Caríssima amiga Marília!
Saúde, ó!

Sempre que possível nos comunicamos via mensagens e áudios pelo WhatsApp. Na maioria das vezes são comunicações breves e curtas, mais para sabermos notícias uma da outra, sem muitos comentários ou explicações. Numa de nossas rápidas mensagens me perguntastes sobre o andamento da minha proposta de doutorado sobre o fim da Escravidão, Libertos, Ex-escravos e os Contratos de Trabalho em Igarapé-Miri, Abaetetuba e Mojú (Grão-Pará, 1881-1888).

Conforme te disse, enviaria uma carta com propósito de responder à sua indagação. Pois bem, como ainda não conheces Belém, capital do Pará, e municípios circunvizinhos, inicio com uma sucinta descrição: Igarapé-Miri, Abaetetuba e Mojú são interiores distantes de Belém a pouco mais de 100 km, num percurso que varia de duas a três horas em transporte público, ônibus ou vans, mas se a viagem for realizada pelos portos hidroviários, via fluvial, visto

Chovem possibilidades nos campos de Joanes (Marajó/Pará)



De: Raissa C. Ferreira Costa

Professora de História, doutoranda em História Social da Amazônia. Pesquisa História social da escravidão negra na Amazônia e História social da educação e infância na Amazônia. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas da Escravidão e Abolicionismo na Amazônia (GEPEAM). Escreve contos e romances, artista circense, ilustradora, quadrinista e podcaster.¹

Para: Machado de Assis

Machado de Assis (1839-1908) foi um escritor brasileiro, um dos nomes mais importantes da literatura brasileira do século XIX. Destacou-se principalmente no romance e no conto, embora tenha escrito crônicas, poesias, crítica literária e peças de teatro. Escreveu nove romances sendo que os primeiros – *Resurreição*, *A Mão e a luva*, *Helena e Iaiá Garcia* – apresentam alguns traços românticos na caracterização dos personagens. A partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, teve início sua fase propriamente realista quando revelou seu inigualável talento na análise do comportamento humano, descobrindo, por trás dos atos bonitos e honestos, a vaidade, o egoísmo e a hipocrisia.²

¹ #pracegover: Na fotografia aparece uma jovem mulher negra, de olhos castanhos, cabelo crespo na cor preta e loiro nas pontas, vestindo uma camiseta social verde escura, usando óculos com uma armação retangular preta. Ao fundo, uma parede branca. Para contato, e-mail raissa.his11@gmail.com.

² Informações retiradas do site Ebiografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/machado_assis/. Acesso em: 12. abr. 22.

CHOVEM POSSIBILIDADES NOS CAMPOS DE JOANES (MARAJÓ/PARÁ)

Ananindeua - PA, 01 de março de 2022

Querido Machado,

Escrevo-te em noite de carnaval, pois não consigo pensar em melhor companhia que tuas palavras, então decidi dedicar-lhe um pouco das minhas, por mais que não lhe estejam à altura. Não tenho mais escrito contos, romances ou versos. Tampouco tenho me dedicado às artes visuais e circenses que tanto amo. Há pouco mais de sete meses, apesar de todas as mazelas, iniciei um curso de doutorado, acredito? Entrei com planos de continuar pesquisando a educação de artes e ofícios ou artística, a maneira dita à época... instrução para o trabalho com itens manufaturados, como no mestrado, mas os ventos da baía do Marajó me chamaram, assim, tratei rapidamente de trocar de projeto. Com aval do meu orientador, é claro. Fomos ousados, é bem verdade, trocamos apenas alguns dias antes de precisar fazer uma apresentação na minha primeira disciplina de linha de pesquisa.

Mesmo assim, tudo ocorreu como esperado. Esses dez anos de orientação com o professor José Maia, desde o primeiro ano da graduação, e a ativa participação no Grupo de Estudo e Pesquisa em Escravidão e Abolicionismo na Amazônia (GEPEAM) resultaram em um satisfatório arcabouço bibliográfico que serviu de suporte para construção do projeto, já que o tema escolhido foi a escravidão nos campos da ilha do Marajó. Não só por ser os campos de

Notas de pesquisa sobre o processo de alforria escrava na cidade de Belém



De: Viviane Patrícia Fitz Gerald Frazao

Professora de História, doutoranda em História Social da Amazônia. Pesquisa História da Escravidão no Brasil, Movimento Abolicionista e Processos de liberdade escrava na Amazonia. Afro-religiosa escreve frases e pequenos poemas sobre os orixás.¹

Para: Carlos Martins Souza

Professor de História, doutor em História da ciência, do direito e Escravidão no Brasil. Atua como professor no departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto. Possui artigos e livros publicados, dentre eles o clássico "Escravidão e Direito: as implicações jurídicas das leis abolicionistas na prática costumeira de liberdade."²

- ¹ #pracegover: Na fotografia aparece uma mulher negra amazônica, de olhos castanhos, cabelos cacheados pretos e longos, trajando uma blusa floral, com um leve sorriso no rosto. Ao fundo, uma parede branca. Para contato e-mail vivianefrazaoc19@gmail.com
- ² O professor Carlos Martins Souza é um personagem fictício inventado por mim, por ocasião da escrita desta carta, bem como as informações sobre a biografia deste. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/851039660818812318/> Acesso em: 12 abr. 2022.

NOTAS DE PESQUISA SOBRE O PROCESSO DE ALFORRIA ESCRAVA NA CIDADE DE BELÉM

Belém-Pará, 23 de fevereiro de 2022

Prezado Carlos Souza,

Espero encontrá-lo bem. Como vão seus familiares? Inclusive, saudades de Ouro Preto, cidade muito linda e hospitaleira. Faz tempo que não nos falamos, então, resolvi escrever-te para contar sobre meus causos, e saber sobre os teus. Como bem sabemos, a pandemia não está dando trégua, apesar de a grande maioria da população se encontrar vacinada. Quero contar-te que perdi uma grande amiga. Na verdade, infelizmente, perdemos pessoas para esse vírus. Sem contar que nossa situação não está das melhores em todos os setores, consequência de uma má administração em todos os sentidos. Isso me lembra de nossas conversas acaloradas sobre política tomando aquela cervejinha e você batendo na mesa e dizendo "anda tem mais", muito característico de sua pessoa.

Como te disse, estou te escrevendo para contar-te meus causos. Não me recordo se te contei que em outubro de 2019 fiz a seleção para o doutorado, turma 2020. Loucuras que fazemos com nossas vidas! Pois é, passei. Preciso te contar que o fatídico ano de 2020 foi um ano de muitas mudanças. Pulei meu primeiro carnaval, apesar de não gostar tanto, fui prestigiar a D. Onete, uma cantora paraense que estava cantando carimbó no Circuito Mangueirosa. Espero que depois que tudo isso passar tu possas conhecê-la. Pasmê! Me planejei,

Conflitos éticos e territoriais em comunidades indígenas do baixo Tapajós

De: Bruna Maytapu Josefa de Oliveira Vaz¹



Indígena mulher, Antropóloga e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará (PPHIST-UFPA). cursou seu Mestrado em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA). Graduada em Antropologia Pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Trabalha como voluntária do Projeto de Extensão A Hora do Xibé, com o plano de trabalho "Programa a hora do xibé" na linha temática Patrimônio Cultural. Ex-bolsista PIBIC/UFOPA com o plano de trabalho "Os povos indígenas no

Baixo Tapajós e Arapiuns: "declarações de extinção" e emergências étnicas", tratava-se de explorar o modo com as populações indígenas do Baixo Tapajós e Arapiuns foram retratadas na literatura histórica e etnográfica.

Para: Lincon Sousa Aguiar

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Bacharel em Direito pela mesma instituição. Pesquisador junto ao Grupo de Pesquisa PRÁXIS. Pesquisa sobre Educação Jurídica Popular com povos e comunidades tradicionais da Amazônia; e também sobre Assessoria Jurídica Popular, Direito Agroambiental, Direito à Cidade, Direito dos povos e comunidades tradicionais, Direitos da Natureza e Bem Viver. Estagiou no Ministério Público do Estado do Pará, lotado na Promotoria de Justiça Agrária de Santarém. Membro do Núcleo de Assessoria Universitária Popular – NAJUP Cabano. Educador popular. Coordenou o curso de formação de lideranças comunitárias "O Direito Achado na Beira do Rio", ocorrido na região de Juruti Velho, no Município de Juruti/PA.

¹ #pracegover: Na fotografia parece uma indígena mulher, de longos cabelos pretos, usando uma blusa azul e um chapéu panamá de palha, portando uma câmera fotográfica vintage e com um leve sorriso no rosto em uma paisagem tropical.

CONFLITOS ÉTICOS E TERRITORIAIS EM COMUNIDADES INDÍGENAS DO BAIXO TAPAJÓS

Santarém, 9 abril de 2022

Prezado amigo Lincon Aguiar,

Venho por meio desta apresentar e contextualizar para você a pesquisa que desenvolvo para tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História – PPHIST, da Universidade Federal do Pará – UFPA, intitulada *Conflitos Étnicos e Territoriais em comunidades indígenas do Baixo Rio Tapajós*.

Desde a graduação trabalho com temas relacionados à etnicidade, identidade, memória e história oral. Sou graduada e possuo mestrado em Antropologia e essas temáticas me suscitaram o interesse para empreender a pesquisa sobre o movimento indígena do Baixo Tapajós. Importante mencionar também que sou indígena Maytapu, da comunidade de Pinhel, município de Aveiro. Esses são elementos importantes para que você possa ficar situado sobre o meu lugar de fala, área e interesse de pesquisa.

O Baixo Rio Tapajós é uma região que compreende os municípios de Aveiro, Belterra e Santarém, no Oeste do Pará. As comunidades dessa região estão inseridas em contextos de disputas identitárias e territoriais situadas em duas unidades de conservação: a Floresta Nacional do Tapajós e a Reserva

O Diretório na Capitania do Maranhão: meandros da construção da pesquisa



De: Felipe William dos Santos Silva¹

Natural de Belém do Pará e Mestrando em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará, integra o grupo de pesquisa História Indígena e do Indigenismo na Amazônia. Pesquisa e produz trabalhos acerca de territorialidades luso-indígenas, Diretório dos Índios, bem como processos de urbanização na Amazônia no século XVIII, especificamente no que se refere ao Estado do Maranhão.²

Para: Maria Fernanda Bicalho

Pós-Doutora em História pela Universidade Nova de Lisboa em 2007 e 2014 e Professora de História pela Universidade Federal Fluminense, pesquisa e produz trabalhos acerca de redes de administração e de poder no mundo colonial português, bem como se dedica a estudar os processos de urbanização, especialmente no Rio de Janeiro. Referência no período colonial, a autora possui duas obras importantes: *A cidade e o império* (2003) e *O Antigo Regime nos Trópicos* (2005), uma coletânea de artigos que organizou em conjunto com os historiadores Fátima Gouvêa e João Fragoso.³

1 #pracegover: Na fotografia temos um pesquisador negro e amazônida, de cabelos e olhos castanho-escuro, usando óculos de armação retangular preta e uma barba. Trajando uma camiseta social preta. Ao fundo, a imagem da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém/PA.
2 E-mail para contato: fwsilva97@gmail.com

3 As informações acerca da autora foram extraídas do seu Currículo Lattes.

CAPÍTULO 12

O DIRETÓRIO NA CAPITANIA DO MARANHÃO: MEANDROS DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Belém, 04 de abril de 2022

Prezada Maria Fernanda Bicalho,

Escrevo por meio desta a fim de relatar-lhe a minha experiência com a pesquisa de Mestrado. O trabalho consiste em problematizar o processo do Diretório dos Índios na Capitania do Maranhão entre os anos de 1757 e 1774, utilizando-se de variadas tipologias de fontes documentais. Como toda pesquisa, ela já enveredou por caminhos e descaminhos e, também, apresenta um avanço considerável, embora em alguns pontos o trabalho encontre-se em um estado estacionário.

Nesse sentido, acredito que a carta que escrevo possibilita indicar pontos em comum com os seus trabalhos, notadamente *A Cidade e o Império*⁴, livro que foi a minha inspiração inicial para a concepção desse projeto. Assim, descrevo a seguir como a pesquisa se construiu, os estágios pelos quais ela passou, bem como os avanços e as dificuldades que se apresentaram nos últimos meses.

O meu tema de pesquisa, de certa forma, desdobrou-se do segundo capítulo da minha monografia de graduação, na qual buscava entender os sentidos atribuídos ao modo de vida dos habitantes por meio das descrições presentes

4 BICALHO, Maria Fernanda. *A cidade e o império: o Rio de Janeiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Diálogos sobre revoltas militares – século XVIII¹



De: Leonardo Augusto Ramos Silva²

Professor de História na educação básica. Mestrando no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, pela Universidade Federal do Pará. Atualmente, dedica-se sobre as tropas pagas na capitania do Rio Negro, com ênfase no descontentamento e revoltas de soldados durante o reinado de D. José I (1750-1777). Além disso, é membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Amazônia Colonial (GEPAC), Grupo de Pesquisa Militares, Política e Fronteiras na Amazônia, Grupo de Pesquisa Interculturais Pará-Maranhão (GEIPAM) e do Grupo de Pesquisa Impérios Ibéricos no Antigo Regime: política, sociedade e cultura.³

Para: Fernando Pitanga

Professor de História, doutorando em História Moderna, pela Universidade Federal Fluminense. Tem se dedicado a temas como revoltas e rebeliões na América portuguesa, com ênfase em motins militares (séculos XVII e XVIII).⁴

¹ Agradeço ao Prof. Dr. David Palacios pela avaliação criteriosa da versão preliminar desta carta, ao Prof. Dr. Rafael Chamboleyron pelas recomendações e apontamentos, assim como ao Prof. Me. Fernando Pitanga que tem sido solícito nos diálogos sobre protestos militares na América portuguesa.

² #pracegover: Na fotografia, aparece um rapaz amazônida, de olhos castanhos e cabelo curto preto, trajando uma camiseta polo azul clara e um óculos de armação redonda na cor preta. Ao fundo uma estante de livros.

³ E-mail: leo.arsilva147@gmail.com

⁴ Informações retiradas da Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0220757303496796>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CAPÍTULO 13

DIÁLOGOS SOBRE REVOLTAS MILITARES – SÉCULO XVIII

Bragança – Pará, 12 de abril de 2022

Olá, Fernando. Estimo que estejas bem!

Em resposta a nossas conversas sobre rebeliões coloniais, tenho contemplado informações relevantes para descortinar os movimentos de protestos militares na Amazônia colonial.⁵ Confesso que fiquei mais intrigado quando descobri que a capitania de São José do Rio Negro fora “batizada” de a “Pátria das sublevações, das conjurações e das insolências” pelo ouvidor da capitania, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, em 1777.⁶ A partir dessa constatação, infiro que as revoltas militares marcaram o cotidiano dos sertões amazônicos na segunda metade do século XVIII e, portanto, me questiono como e por que soldados se revoltavam no Rio Negro.

Mais especificamente, refiro-me à eclosão de revoltas de soldados que ocorriam à medida que a colonização e a tentativa de dominação empreendida

⁵ O termo refere-se ao território heterogêneo administrado pela Coroa portuguesa no norte da América do Sul. Ao longo do século XVIII, esse território foi denominado de Estado do Grão-Pará e Maranhão (1751-1772) e, depois, foi dividido em duas unidades administrativas: Estado do Grão-Pará e Rio Negro e Estado do Maranhão e Piauí (1772-1823). CHAMBOULEYRON, Rafael; SOUZA JÚNIOR, José Alves de. *Novos olhares sobre a Amazônia colonial*. Belém: Paka-Tatu, 2016, p. 5-6.

⁶ Carta do ouvidor do Rio Negro, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, para o governador do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas. Vila de Barcelos, 12 de junho de 1777. APEP, correspondências de diversos com o governo, cód. 265, doc. 17, fls. 129-134.



De: **Marcela Gomes Fonseca**¹

Mestranda em História Social da Amazônia (UFPA) e fundadora da Rodapé Oficina Editorial, editora independente focada em Estudos Amazônicos. Atualmente pesquisa História colonial da Amazônia com ênfase no processo de secularização de aldeias missionárias no século XVIII.

Para: **Juan Sebastian Gómez González**²

Doutor em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Nacional Autónoma do México, UNAM (2012) e Professor Associado na área de História da América Latina no Departamento de História da Universidade de Antioquia na Colômbia. Seu foco de pesquisa é a História das disputas imperiais em diferentes espaços ultramarinos entre os séculos XVI e XVIII.

1 #pracegover: Na fotografia aparece uma jovem mulher amazônica, de olhos e cabelo castanhos, os cabelos estão presos em um coque, a jovem pesquisadora está trajando um terno cinza e um colar da etnia Munduruku. Apresentando um leve sorriso no rosto. Ao fundo, uma estante de livros na cor azul. Para contato: mmarcelafonseca@gmail.com

2 Informações retiradas do ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4725-7252>

“QUANDO A ALDEIA SE TORNA VILA”: NOTAS E NOTÍCIAS DE PESQUISA

Ananindeua – Pará, 18 de abril de 2022

Caro amigo professor Juan Sebastian Gómez González,

Desde quando lhe procurei na Universidade da Antioquia, durante minha passagem por Medellín na Colômbia, em 2018, e nos encontramos para almoçar naquele restaurante vegetariano próximo à universidade, minha vida como historiadora mudou para sempre. Tomei um outro caminho, diferente do que caminhava antes, no entanto, mais próximo do que eu sonhava percorrer. Certamente, você me encorajou naquele dia a tornar-me eu, sem medo, rumo ao desejo de trabalhar com o universo da História Colonial da América Latina.

Lembro-me que numa tarde, depois de trabalhar arduamente com música nas ruas de Medellín, voltei à pensão onde estava hospedada, administrada por Guajiro, lembra? Sim, o ex-guerrilheiro. Sentei-me em frente ao computador, e sedenta por retornar aos estudos históricos, procurei na internet o site do próximo Encontro Internacional de História Colonial (EIHC) que seria sediado naquele ano no Rio Grande do Norte, Brasil. Descontente com minhas pesquisas sobre o século XIX, que havia deixado paradas em Belém, estava decidida mudar-me de vez para o século XVIII, como sempre havia desejado.

Então, procurando pelos títulos e resumos dos simpósios temáticos do evento a fim de me inteirar como andava a historiografia mais atual, encontrei finalmente um curioso simpósio sobre um tema que eu não sabia ser possível

Informações do meio do mundo a um metropolitano¹



De: Andreia Martel Torres²

Doutoranda em História (PPGH/UFPA). Mestre em Ensino de História (ProfHistória-Unifap), pesquisadora do Laboratório de Estudos em História Social do Trabalho na Amazônia (Lestham/Unifap), pesquisadora vinculada ao Projet de recherche: Education et diversité: la circulation des personnes, savoirs et mémoires et les institutions éducatives dans la région transfrontalière Guyane française et Brésil (Ediverse) — l'Université de Guyane avec les Universités d'Etat et Fédérale de l'Amapá, e professora da Rede Estadual de Educação (SEED-AP).³

Para: Dominique Julia

Diretor de pesquisa do CNRS, do qual recebeu a Medalha de Prata em 1999 por todo o seu trabalho. Dominique Julia foi professor do Instituto Universitário Europeu de Florença (1989-1993), então codiretor, com Philippe Boutry, do Centro de Antropologia Religiosa Europeia (CARE) da EHESS. A maior parte de sua pesquisa se concentra na historiografia, religião e cultura na França na era moderna, na história da cultura, educação e infância. Dominique Julia recebeu recentemente dois prêmios de prestígio: o Prix Guizot (2017) da Academia Francesa (medalha de prata) pela publicação de seu livro *Le voyage aux saints. Peregrinações no Ocidente moderno dos séculos XV-XVIII*, Paris, Hautes Études-Seuil-Gallimard, 2016, e o Prêmio Madeleine Laurain-Portemer da Academia de Ciências Morais e Políticas do Institut de France por todo o seu trabalho.⁴

1 A expressão *metropolitano* é usada pelos moradores de Oiapoque para referir-se àqueles cidadãos que residem na França. Diferenciando-os, assim, dos “franceses-guianenses”.

2 #pracegover: Na fotografia, aparece uma mulher branca e amazônica, de olhos castanhos e cabelo curto, na cor preta, trajando uma blusa rosa e um óculos vintage de cor clara, apresentando um largo sorriso. Ao fundo temos uma parede branca com diversos tipos de plantas espalhadas pelo espaço.

3 Para contato e-mail de deiatorres.torres10@gmail.com.

4 Informações retiradas da página *L'écologie des Hautes Études en Sciences Sociales*. Disponível em: <https://www.ehess.fr/fr/prix-et-distinctions/dominique-julia-re%C3%A7oit-deux-prix-prestigeux/>. Acesso em: 12 abr. 2022.

INFORMAÇÕES DO MEIO DO MUNDO A UM METROPOLITANO

Macapá-Amapá, 28 de fevereiro de 2022

Querido Dominique,

Como estão todos na França? Espero que estas palavras o encontrem bem, com saúde e equilíbrio. A percepção do tempo é subjetiva, não é mesmo? Em tempos pandêmicos, os quais nos exigiu períodos de isolamento social, de encontros virtuais em detrimento do contato e do calor humano, conjecturo que a característica latente deste tempo é a imprevisibilidade. Ora demasiadamente longo, quando pensamos na espera em relação aos processos para a manutenção da vida. Ora curtíssimo, ao focarmos as tecnologias e os imediatismos por elas demandados. E assim, meu caro Dominique, têm sido os meus dias. Imprevisíveis!

Em casa estamos retomando nossas rotinas. Meus filhos permanecem a salvo de quaisquer contágios e estamos nos recuperando de nosso luto. Como te falei, rapidamente ao telefone, nossa maior perda foi a morte de minha mãe em dezembro de 2021. O luto me deixou mais ansiosa. Não posso dizer que estava preparada para esse momento. Contudo, com o terror pandêmico, a morte passou a habitar em todos os lares e em minha casa não foi diferente. Mas com foco, um salto de fé que as coisas melhorem e dedicação à vida profissional e acadêmica tenho preenchido esses dias de tristeza, convertendo-os em produtivas leituras.

E lembrando da vida acadêmica, nossa última conversa sobre o assunto foi no período em que eu me preparava para a seleção do doutorado. Com alegria comunico



De: Leonardo Castro Novo¹⁰

Nascido em Belém do Pará, Brasil, nos idos da década de 1980. É historiador e professor de história. Doutorando em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará. Leitor voraz, torcedor do Clube do Remo e praticante de esportes radicais.

Para: Eduardo Hughes Galeano

Nascido em Montevidéu, Uruguai, nos idos da década de 1940. Foi jornalista e escritor de ficção e de análises políticas e históricas da América Latina. Eterno "cazador de histórias", foi autor de mais de 40 obras. Era torcedor apaixonado do time de futebol do clube Nacional de Montevidéu.

10 #pracegover. Na fotografia, temos um homem branco, de olhos e cabelos castanho-escuros, usando um cavanhaque e trajando uma camisa social preta. Ao fundo uma parede branca.

**CARTA SOBRE INTELECTUAIS,
MEMÓRIA HISTÓRICA E FUTEBOL**

Belém do Pará, 23 de fevereiro de 2022

Prezado Eduardo Galeano,

Diante de nosso ofício de sempre buscar histórias a serem pesquisadas e narradas, decidi escrever esta carta para você por conhecer seu grande interesse em resgatar e compreender a memória histórica da América Latina, a seu modo mais livre e literário, porém sempre embasado em fontes documentais, conforme tive o prazer em ler em sua trilogia *Memória do Fogo*, com sua narrativa que nos leva dos tempos pré-colombianos aos dias mais atuais.

Recentemente, a pandemia do Coronavírus atingiu as nossas vidas. As atividades acadêmicas foram muito afetadas: pesquisas foram interrompidas, arquivos foram fechados, aulas e eventos foram suspensos; o uso de plataformas digitais permitiu o retorno gradual de forma remota das atividades acadêmicas. A minha sonhada viagem para a famosa Montevidéu acabou por não se realizar. Mas, assim que as medidas restritivas para as viagens e o risco de contaminação diminuir, certamente irei visitar e conhecer sua cidade natal. Quem sabe poderei até assistir a uma partida de futebol de seu amado Clube Nacional de Montevidéu; torcer, jogar junto da arquibancada e até celebrar uma grande vitória.

Algumas inquietações sobre a História do Brasil narrada pelos livros didáticos brasileiros



De: Taissa Bichara¹⁵

Professora de História, doutoranda em História Social da Amazônia no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará. Desenvolve estudos sobre o campo de pesquisa em Ensino de História no Brasil.¹⁶

Para: Nilta Dias Shimizu

Professora Associada do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros, da Faculdade de Estudos Estrangeiros, da Universidade Sophia, em Tóquio, no Japão. Possui especialização em psicopedagogia (1995-1996). Mestre em Educação pela Universidade de Yamanashi, Japão (bolsista – Rotary Yoneyama Scholarship for Overseas Candidate, 2001-2003). Como bolsista MEXT (Ministério da Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia/Japão) participou do Teacher Training Program na Universidade de Yamanashi (2000) e como bolsista do Programa de Treinamento Técnico oferecido pelo governo da província de Yamanashi, participou, por 10 meses, do Programa de treinamento técnico na Secretaria de Educação da referida província (1997-1998). Trabalhou como coordenadora de uma escola brasileira na província de Tochigi (2003-2004) e foi professora assistente em escolas públicas japonesas na cidade de Ota, Província de Gunma (2004-2007). Participou de atividades voluntárias em escolas japonesas, brasileiras e outras instituições em diferentes regiões do Japão. Desenvolve estudos sobre problemáticas oriundas da formação de crianças e jovens brasileiros que vivem no Japão, a exemplo da adaptação sociocultural, adaptação às escolas japonesas e barreiras linguísticas. Atualmente está em processo de escritura de tese para conclusão do doutorado em Estudos Sociais da América Latina – Linha de Pesquisa Socioantropologia da Educação – Centro de Estudos Avançados, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Nacional de Córdoba, Argentina.¹⁷

15 #pracegover: Na fotografia temos uma jovem mulher branca e amazônica, de olhos e cabelos castanhos, seus cabelos são curtos em formato assimétrico. A jovem pesquisadora usa uma camiseta preta, brincos de argola e batom roxo. Apresenta um largo sorriso. Ao fundo, uma parede azul claro.

16 Contato: taissabichara@gmail.com

17 Página oficial da pesquisadora no endereço eletrônico da Universidade de Sophia: https://redb.cc.sophia.ac.jp/?action=pages_view_main&active_action=cvclient_view_main_init&display_type=cv&ccvid=7000004337&type=books_etc&page=1&num=5&block_id=432&lang=english. Acesso em 22. abr. 22.

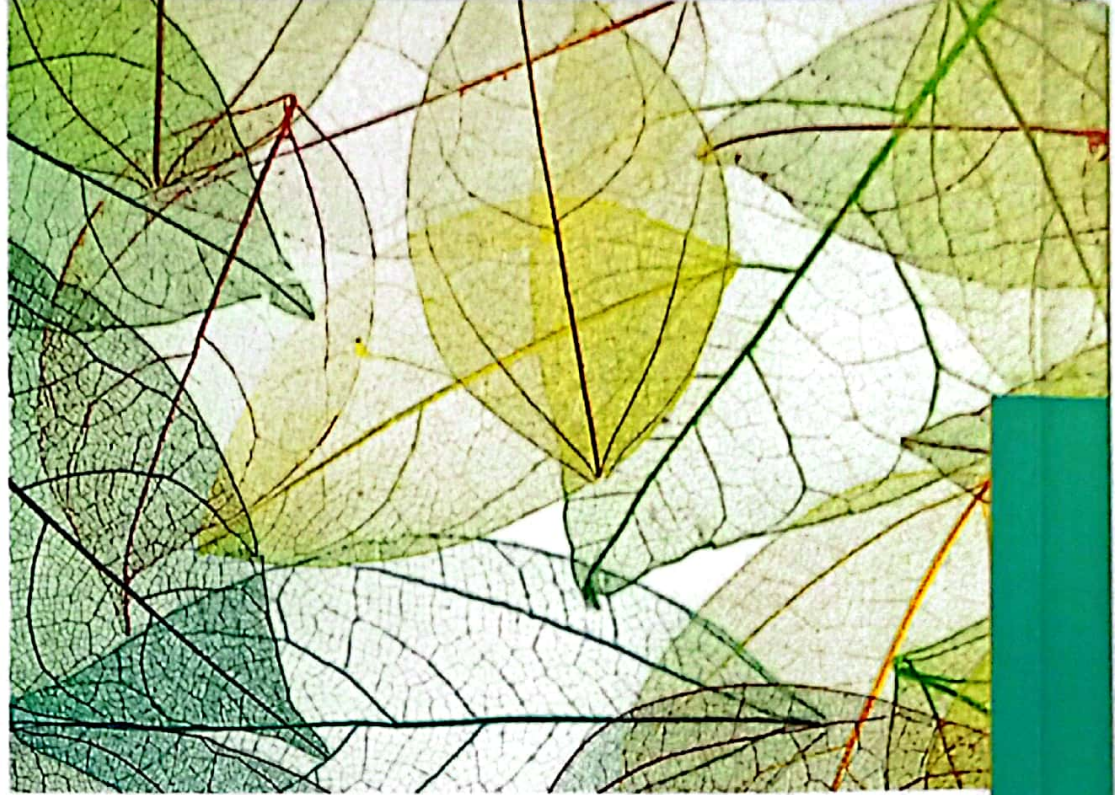
ALGUMAS INQUIETAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO BRASIL NARRADA PELOS LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS

Belém – Pará, 22 de abril de 2022

Prezada Professora Nilta Dias Shimizu,

Honrada em cumprimentá-la, espero encontrar a senhora e seus entes queridos bem e saudáveis. Antes de tudo, agradeço o afeto por meio do qual recebes minhas dúvidas e os inúmeros compartilhamentos de ideias e possibilidades de análises no que se refere aos dilemas educacionais percebidos nas relações históricas estabelecidas entre o Brasil e o Japão.

Aqui em Belém do Pará, apesar das desventuras proporcionadas pela pandemia, continuamos buscando dar continuidade às demandas do cotidiano. Isso inclui o desenvolvimento do projeto de pesquisa que submeti ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, na Universidade Federal do Pará. Sigo analisando as narrativas sobre a História do Brasil nos livros didáticos de História aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), destinados aos Anos Finais do Ensino Fundamental, e publicados entre os anos 1996 e 2020. Até o momento no qual escrevo-lhe, os conceitos de Discurso, do filósofo Mikhail Bakhtin, e Representação, do historiador Roger Chartier, têm sido de fundamental imprescindibilidade no enfrentamento dos debates sobre o estudo em desenvolvimento, pois ajudam-me a identificar as



As cartas/as pesquisas elaboradas agora nas mãos de leitores(as) podem contribuir para debates e reflexões teóricas e metodológicas sobre problemáticas historiográficas e de campos do saber que dialogam com a história. Foi nessa dinâmica que se originou a ideia de gestar esta publicação em formato de livro evidenciando as cartas como forma de compartilhar as diversas experiências de investigação historiográfica de pesquisadoras e pesquisadores no PPHIST/IFCH/UFPA e, assim, tornar públicos temas, objetos, problemas e metodologias de quem faz pesquisa na Amazônia brasileira.

